

LITERATURA, IDENTIDADE, DISCURSO E PODER: AS FRONTEIRAS CAMBIANTES DA NARRATIVIDADE HOMOERÓTICA

Nelson Eliezer Ferreira Júnior¹

Resumo: A recente proliferação de estudos críticos sobre a presença da temática homoerótica na literatura é resultante de diversos vetores interagentes: a discussão sobre a formação do cânone literário, a emergência de bases afirmativas para a constituição de identidades homossexuais, a crítica aos discursos postos a serviço da subalternização de indivíduos homossexuais e suas representações culturais, e a compreensão dos efeitos de poder próprios das relações sociais cotidianas. Todas essas questões se concretizam narrativamente através da compreensão de que na literatura há jogos discursivos que reinventam identidades a partir da singularidade das histórias de vida.

Palavras-chave: Literatura. Identidade. Homossexualidade

Résumé: La prolifération récente des études critiques sur la présence de thèmes homoérotiques dans la littérature est le résultat de plusieurs vecteurs d'interaction: la discussion sur la formation du canon littéraire, l'émergence de la base positive pour la formation des identités homosexuelles, la critique des discours prononcés au service de la subordination des personnes homosexuelles et leurs représentations culturelles, et la compréhension des effets de pouvoir propres des relations sociales au quotidien. Toutes ces questions sont réalisées narrativement parce qu'il y a des jeux discursifs à la littérature qui réinventent les identités sur la singularité des récits de vie.

Mots-clés: Littérature. Identité. Homosexualité

Desde as últimas décadas do séc. XX, a identidade se tornou um foco privilegiado de atenção acadêmica. As causas são múltiplas, mas confluem para a concepção de uma crise no próprio conceito de identidade e nos modos como essa estabeleceu hierarquias e relações de poder, tendo como resultantes sujeitos e alteridades. Diz-se que as velhas identidades (baseadas em concepções estanques de classe, gênero, etnia, raça ou nacionalidade) estão em crise, em decorrência das transformações por que está passando o conceito de sujeito, pois esse, como sintetizou Hall (1999, 13), *assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente*. As repercussões de tais teorias estão alterando alguns paradigmas das Humanidades e também da teoria e crítica literárias.

¹ Doutor em Letras pela UFPB e professor de Literaturas de Língua Portuguesa na UFCG.

Um campo particularmente pertinente para a observação das dinâmicas com as quais as identidades se estabelecem e se deslocam é o discurso. A consciência teórica de tal relação evidenciou frequentemente a relação entre identidade e discurso. Sendo esse um lugar privilegiado de exercício de poder, não se poderia esperar que fosse produzido e representado de forma harmônica numa sociedade de estratificações múltiplas. Como resumiu Schmidt (2000, p. 104), *o discurso é o instrumento de (auto)conhecimento, através do qual o(s) ser(es) humano(s) se faz(em) sujeito(s) no campo da produção e das relações social. Daí decorre que o projeto de formação de “novos sujeitos” – mulheres, homossexuais, negros, etc. – passa necessariamente por um inventário dos discursos que corroboram com a perpetuação da concepção de um sujeito hegemônico, isto é, o sujeito da tradição cartesiana e colonial e tentam impor um silêncio, não tão absoluto quanto o desejado, sobre os discursos que reivindicam identidades outras.*

Essa politização da identidade pode ser bem exemplificada pelas implicações decorrentes da visibilidade homoerótica, pois, como atesta Trevisan (2002, p. 116),

Por se enquadrar culturalmente como experiência amorosa desviante, a prática homossexual é uma afirmação de cidadania levada às últimas conseqüências e contra toda expectativa social [...]. O que nos atrai e nos junta, enquanto homossexuais, não é uma ideologia ou uma fé, a penas a experiência amorosa. A finalidade de nosso encontro amoroso é o encontro de si mesmo. Se pudéssemos levar esta radicalidade até as últimas conseqüências, com certeza subverteríamos mais do que a sociedade patriarcalmente organizada gostaria.

A relação entre a intimidade da “experiência amorosa”, a auto-afirmação do “encontro de si mesmo” e o ato político da “radicalidade” subversiva demonstra como o trânsito do homoerotismo entre espaços públicos e privados é capaz de gerar questionamentos que estão além da esfera da sexualidade.

Seria a literatura um espaço neutro para tais questões? Certamente não. Principalmente a partir das últimas décadas, os estudos literários estão privilegiando aspectos decorrentes dos estudos culturais: compreensão do objeto literário como modo de expressão cultural de vozes que entram em concorrência com a aparente hegemonia do discurso do sujeito tradicional.

Uma percepção retrospectiva mostra que, no âmbito particularmente literário, principalmente a partir das décadas de 60 e 70 do século passado, houve um

progressivo questionamento de qualquer “valor universal” – inerente a um também “sujeito universal” – que caracterizaria a literatura. Ora, com o dismantelamento dessa concepção de sujeito e a percepção das várias identidades anteriormente subestimadas, abriu-se espaço para abordagem que levavam em consideração essa heterogeneidade. Afinal, como observa Eagleton (2001, p. 301):

Dos estudantes sempre se esperara que, diante de um texto literário, (...) o avaliassem a partir da perspectiva de um sujeito universal descomprometido, desvinculado de noções de classe, sexo e etnia. Era uma operação muito fácil de levar a cabo quando essas histórias individuais procediam, mais ou menos, do mesmo tipo de mundo social; mas, para os que provinham de grupos étnicos ou das classes trabalhadoras, ou, ainda, das minorias sexuais, tornava-se cada vez menos evidente que (...) esses valores supostamente universais também fossem os seus.

Daí o surgimento de uma crítica cultural que retirou a obra de arte – e a literatura particularmente – do isolamento que a mantinha incólume de questões “subalternas”. É em meio a esses novos paradigmas que surgem, nas últimas décadas do século XX, como produto dos estudos culturais, os *estudos gays e lésbicos*: fenômeno originado no meio acadêmico dos Estados Unidos, como consequência da conscientização de que era preciso fazer um inventário de como os ecos da subcultura gay vêm se infiltrando, de forma mais ou menos legítima, no campo artístico-cultural.

Neste ponto, alguns questionamentos devem ser considerados: estariam os *estudos culturais* vinculados a uma situação sócio-histórica restrita aos Estados Unidos e à Europa? Além disso, não seria esta proposta “pouco literária”, no sentido de privilegiar o “além” do fato literário?

Impõe-se aqui, sem dúvida, uma questão de fronteiras. Os novos paradigmas dos estudos literários, ao se confrontarem com as vozes esquecidas (ou subestimadas) e a heterogeneidade de seus discursos, põem em cheque os próprios critérios de avaliação crítica que formaram o cânone literário. É nesse sentido que se compreende a indignação de Ana Pizarro (2000, p.38) que, ao se deparar com tais questões e diante da resistência a suas propostas revisionistas, argumenta:

En esse momento se objetó a mi propuesta el ser ‘poco literaria’, mientras trataba de hilvanar mis propios argumentos respecto del

carácter de nuestras culturas. En realidad era poco literaria para una mirada eurocéntrica sobre ellas.

Daí a importância dos estudos de/sobre a cultura e a literatura latino-americana, afinal, [...] *la disparidad de nuestro desarrollo periférico, nuestra precaria y deforme modernidad es la que nos hizo ver la pluralidad de nuestra cultura.* (PIZARRO, 2000. p.38)

Segundo a autora, não se podem conceber fronteiras culturais fixas, nem mesmo estáveis, pois o desenvolvimento das tecnologias da telecomunicação, o desenvolvimento de identidade política e culturalmente indiferentes aos limites dos Estados, a situação dúbia dos migrantes, assim como o próprio processo de integração econômica têm certamente reflexos sobre a formação dos imaginários de identidade e cultura.

Isso fica bem mais evidente quando se pensa sobre a identidade homossexual, pois ela tende a transpor (contudo sem ignorar) os modelos hegemônicos e fixos das identidades nacionais. Diante disto, compreende-se melhor que, ao lidar com os discursos formadores da(s) identidade(s) homossexual(is) na literatura, está-se questionando a própria dificuldade de inserção desse tema na tradição canônica na Literatura Brasileira. A partir de um esforço de superação de tal dificuldade,

[...] a representação artístico-literária dos sujeitos homoafetivos já tem se consolidado em determinados discursos artísticos, fazendo com que as demais parcelas de leitores que não haviam “planejado” a validação e conferência do Outro repensem o seu *estar-no-mundo* diante do Outro e de suas práticas. Daí a importância política para a consagração de um cânone literário gay. (SILVA, 2009, p.36)

Essa emergência de uma homotextualidade no âmbito literário pode também ser compreendida dentro de uma conjuntura histórica mais abrangente que inclui a audiência de outras vozes subalternizadas, pois

Assim como as mulheres desde os fins dos anos 60 trabalharam na construção e na constituição de uma crítica literária descolonizada das questões masculinas, é preciso também instalar, no âmbito dos saberes literários, uma nova epistemologia capaz de criar condições de entendimento de obras cuja autoria, recepção, conteúdo ou espaço de circulação priorize o universo das homossexualidades. (INÁCIO, p.25)

A compreensão desse fenômeno no campo dos estudos da literatura requer a retomada de diversos fatores que propiciaram seu surgimento.

Quando certa moral cristã e as muitas hipóteses e explicações científicas sobre causas e efeitos da homossexualidade são postas de lado em detrimento da investigação dos diversos discursos que permeiam essa questão, o resultado e a percepção do teor político subjacente não apenas aos homossexuais em si, mas principalmente em torno desses mesmos mecanismos (o pecado para o cristianismo, a patologia e o crime para teorias médico-legais) que procuram dissecá-los. Torna-se preciso, portanto, que se perceba como esses discursos se relacionam com o poder.

Nesse sentido, o conjunto dos textos que compõem *Microfísica do Poder* (2000) demarca a compreensão de Foucault sobre certos mecanismos que atuam nas sociedades ocidentais, principalmente a partir do século XIX. Apesar de não haver uma teoria geral do poder em Foucault, ele elabora seu pensamento através de investigações teóricas e práticas sobre a articulação de “micropoderes” até então despercebidos pelas concepções tradicionais que se limitam ou à questão do contrato e da opressão (concepção jurídica ou marxista), em que se privilegia o fator econômico, ou se baseiam nas noções de repressão.

O poder percebido por Foucault possui uma dinâmica de extrema sutileza e certamente não se origina em cúpulas (o Estado, por exemplo): ele está na micrologia do cotidiano, no exercício dos saberes (poder disciplinar), no olhar do outro e na produção de verdades. Para Foucault (2000, 182), *Trata-se [...] de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais [...]*. Uma vez que:

[...] o importante não é fazer uma espécie de dedução do poder que, partindo do centro, procuraria ver até onde se prolonga para baixo [...]. Deve-se, antes, fazer uma análise ascendente do poder: partir dos mecanismos infinitesimais que têm uma história, um caminho, técnicas e táticas e depois examinar como estes mecanismos de poder foram e ainda são investigados, colonizados, utilizados, subjugados, transformados, deslocados, desdobrados, etc., por mecanismos cada vez mais gerais e por formas de dominação global. (Foucault: 2000, 184)

Foucault não percebe o poder como algo que possa ser possuído e fixado, tampouco estabelece uma distinção nítida entre alguns que *tenham* e outros que *não*

tenham poder. Para ele, o poder se exerce, é movediço e intersubjetivo: *Onde há poder, ele se exerce. Ninguém é, propriamente falando, seu titular.* (FOUCAULT, 2000, 75). Assim, ele prefere

[...] não perguntar porque alguns querem dominar, o que procuram e qual sua estratégia global, mas como funcionam as coisas ao nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam os corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc. (FOUCAULT, 2000, p.182)

Cabe salientar que tal “processo de sujeição” não se dá, segundo ele, de forma completamente repressiva; isso porque no cerne do exercício do poder não está a interdição e sim a produção de verdade:

[...] somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la [...] somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (FOUCAULT, 2000, p.180)

É justamente em decorrência dessa contestação que Foucault, em sua *História da sexualidade*, analisa o surgimento do “homossexual”. Entretanto, é preciso delimitar neste ponto as contribuições de sua teoria. Na verdade, nos interessa aqui a sutileza do olhar de Foucault em relação aos micropoderes, que trás consigo a compreensão da necessidade de se observar as relações de poder a partir de sua luta cotidiana, com continuidades e rupturas. No plano verbal, o estudo desse campo de batalhas passa necessariamente pela observação dos discursos que, ao concorrerem uns contra os outros, fazem transitar poderes. Sobre a questão propriamente da homossexualidade, Foucault, em *História da sexualidade I* (1999), analisa a correlação entre a “implantação das perversões” e a “mecânica do poder”. Para ele, a partir do século XVIII, houve uma incitação à produção de discursos sobre o sexo, através do desenvolvimento dos princípios da confissão, sendo esta uma das estratégias com que o poder se apoderou dos corpos e dos prazeres. Assim,

O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia

misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. (FOUCAULT, 1999, p.43).

Sem dúvida, Foucault percebeu bem o nascimento de um discurso hegemônico sobre a homossexualidade, cujas repercussões atualmente ainda são facilmente percebidas, mas seria incorreto considerar tanto que este fosse (e continue sendo) um discurso absoluto, quanto que este tenha sido assimilado passivamente por todos (incluindo os próprios “homossexuais”). Conforme o próprio Foucault (1999, p.96) esclarece,

(...)o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade (...) permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de ‘perversidade’; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso ‘de reação’: a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua ‘naturalidade’ e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico.

Não desconheço que Foucault é cético em relação a esse tipo de reação, pois, para ele, tudo advinha de uma mesma estratégia de poder. Interessa-nos aqui a compreensão do discurso como um campo de posicionamentos refratários no qual o poder se exerce e a forma como a literatura se enriquece ao evidenciar um discurso que se diferencia dos demais (o da psicologia, por exemplo), incomodando-os.

Para os estudos da literatura, no entanto, a relação entre identidade e os discursos atrelados ao homoerotismo se dá a partir de uma narratividade. Afinal, antes de ser uma questão epistemológica, a identidade está relacionada com a forma como os diversos sujeitos apreendem sua existência. É talvez por isso que Andrew Sullivan, no prólogo de *Praticamente normal* (1996), inicie sua investigação sobre as diversas políticas de/sobre a homossexualidade com uma narração, nesse caso, a de sua própria história de vida: a descoberta de sua homossexualidade e suas conseqüências. *Quando as pessoas fazem a simples pergunta “o que é um homossexual?” posso responder apenas com histórias como essas*, sentencia Sullivan (1996, p.21)

Compreende-se, assim, que é a partir da própria vivência, ou, segundo Sarup (1996), pela narração da *história de vida*, que se encontram mais freqüentemente as marcas da identidade. Torna-se necessário, portanto, observar com atenção as

narrativas do si, em cuja transitividade temporal se expressam tanto as continuidades – privilegiadas pela concepção mais tradicional de identidade – quanto as mudanças e transgressões desta identidade, tomada agora como um construto ao mesmo tempo pessoal e coletivo.

Estaria esse fenômeno restrito às narrativas autobiográficas ou memorialistas? Certamente não. A literatura como um todo demonstra ser espaço privilegiado para o surgimento de tais questões, pois nela questões que costumam ser tratadas a partir de abstrações teóricas – a partir do viés dos discursos políticos, éticos, religiosos ou científicos, por exemplo – se encontram aqui particularizadas. Certamente as questões teóricas subjazem à simbolização literária, mas aquelas já não podem se impor, pois estão subordinadas ao literário, ao ambíguo, à incompletude.

Do mesmo modo, em seus estudos sobre o tempo e diante de problemas pertinentes à questão da identidade pessoal, Paul Ricoeur esquematiza a noção de *identidade narrativa*, a partir da constatação de que é respondendo à questão *quem fez tal ação?* que se pode dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade. Retomando Hannah Arendt, Ricoeur arremata: *Responder a questão 'quem?' (...) é contar a história de uma vida. É através do exame de sua própria história pessoal, portanto, que um indivíduo tem acesso a um conhecimento de si que fundamenta uma identidade; uma história que se conta é uma identidade que se narra. Identidade essa que não se quer imutável, afinal, [...] a identidade narrativa, constitutiva da ipseidade, pode incluir a mudança, a mutabilidade, na coesão de uma vida. O sujeito mostra-se, então, constituído ao mesmo tempo como leitor e como escritor de sua própria vida [...]* (RICOEUR, 1997, p.425)

Como se configuraria, mais precisamente, essa narrativa escrita/lida pelo sujeito? Antes de tudo, trata-se de uma “identidade da personagem” uma vez que é ela própria o *agente* de sua história, apesar dos *acontecimentos*, isto é, daquilo a que a personagem é submetida no decorrer de sua *história-de-vida*. Em todo caso, serão justamente os imprevistos – aqueles fatos que rompem com o esperado, isto é, os fatos que não são previsíveis – que geram a necessidade de se retomar a história a partir de algum ponto no passado. Em outras palavras: [...] *a síntese concordante-discordante faz com que a contingência do acontecimento contribua para a necessidade de algum modo retroativa da história de uma vida, ao que se iguala a identidade do personagem.* (RICOEUR, 1991, p.175).

Daí a importância da retrospectiva para a identidade narrativa, sobretudo no que se refere à relação entre narrativa e personagem. Afinal, arremata Ricoeur (1991, p.76): *a narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade do personagem.*

Entre a esfera narrativa e a da vida do indivíduo, portanto, há uma grande similitude, estando ambas imbricadas na constituição da identidade. Assim, no âmbito da literatura, para a observação da identidade das personagens deve-se ter em vista estes recortes do passado que em momentos específicos voltam à tona como forma de (re)avaliação de um caminho que se precisa estender no futuro. Assim, a questão da memória na literatura ganha novos contornos quando é compreendida como parte integrante de um processo no qual as transformações experimentadas pelas personagens (mudanças na compreensão que elas têm de si e dos outros, surgimento de novas formas de reação a determinadas circunstâncias, etc.) são relativizadas pela identidade narrativa de cada uma delas, identidade essa que é explicitada através de recuos da memória que – usando termos revitalizados por Ricoeur – dão ao *si* uma perspectiva menos de *idem* e mais de *ipse*.

Vista assim, a literatura se converte num espaço no qual as identidades são reescritas narrativamente, a partir de tensões sobre os suportes discursivos que sustentam e validam mecanismos de poder historicamente constituídos. Tal procedimento aproxima o político e o estético na esfera dos estudos culturais, pois atribui ao texto literário um *lugar* privilegiado para se compreender as ambivalências entre a posição de sujeito e a formação de alteridades.

Por fim, é importante ressaltar que a sobrelevação da questão homossexual não pode ser considerada como critério avaliativo ou classificatório, tampouco serviria unicamente como instrumento de ação panfletária. A quantidade expressiva de pesquisas recentes sobre a presença do homoerotismo na literatura evidencia a articulação de dois vetores: o desvio da norma heterossexual, imposta como fundamento de uma sociedade patriarcal, eleva a capacidade simbólica que tem a literatura de construir e desconstruir discursos, conceitos e crenças, ao mesmo tempo em que a emergência de vozes homossexuais revela a existência de um *sujeito-outro* que se dispõe a ser o autor de sua própria história e, desta forma, assumir a responsabilidade por sua auto-representação social.

REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. W. Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michael. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13.ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. *Microfísica do poder*. 15.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

INÁCIO, Emerson da Cruz. Para uma estética pederasta. In: SILVA, A. *Sexualidade, identidade e gênero em debate*. Olinda: Livro Rápido, 2009, p. 9-26.

PIZARRO, Ana. Discursos y fronteras. In: INDURSKY, F. e CAMPOS, M (orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, pp. 37-48.

RICŒUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Trad. Lucy M. Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Trad. Roberto L. Ferreira. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SARUP, Madan. *Identity, Culture and the PostModern World*. Athens: The University of Georgia Press, 1996.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Em busca da história não contada ou: o que acontece quando o objeto começa a falar. In: INDURSKY, F. e CAMPOS, M (orgs.). *Discurso, memória, identidade*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, pp. 102-110.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. Quando a questão estética entra em cena: considerações teóricas sobre a literatura brasileira de temática homoerótica. In: ___ e CAMARGO, F. (orgs.) *Configurações homoeróticas na literatura*. São Carlos: Claraluz, 2009, p.35-50.

TREVISAN, João Silvério. A voz do desejo: entre a autonomia e a cooptação. In: GOLIN, C e WEILER, L. *Homossexualidades, cultura e política*. Porto Alegre: Nuances, 2002.

SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal: uma discussão sobre o homossexualismo*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido: 28/04/10

Aprovado: 16/07/10